

# *Phronesis* em Aristóteles: O verdadeiro manual de ética

Anderson Alves Francisco

## Introdução

O estudo sobre a ética por vezes passa a se apresentar como um estudo utópico. Pois, na contemporaneidade há uma evidente segmentação, ou seja, a ética é dentro das instituições encerrada como setores, conselhos, ou advogados atentos a futuros processos. Talvez uma clara exteriorização do interior do sujeito moderno, que tem em si, ação, natureza, escolha, consciência dentre tantas coisas, são elementos separados, como ferramentas que são ligadas quando é necessário.

Assim, ao deparar-me com A Ética a Nicômaco de Aristóteles, noto um caldeirão de elementos, que para compreender são separados, porém que não estão divididos na realidade. Com efeito, o Filósofo poussa seu olhar e convida seu filho a percorrer um longo caminho no entendimento sobre algo extremamente fino: Como funciona a transcrição da natureza (*physis*), na peculiaridade da ação humana (*práxis*). (VAZ, 1988, p.11)

Avançando em sua reflexão Aristóteles chega num ponto que compreende as brevíssimas frações de segundos ante uma ação, ou seja, o Filósofo se estende por buscar analisar como deve ser tomada uma decisão reta, sobre um aspecto geral e para tanto nomeia de saber prático (*phronesis*, cuja tradução se mostra desafiadora, logo usarei na maioria das vezes o termo em grego) está capacidade de bem deliberar.

Logo, este artigo irá explanar acerca deste tema vital no Filósofo grego, para tanto recordo que tal temática tem seu cerne apresentada na Ética a Nicômaco, Livro VI, 5, 1140a24 (a tradução utilizada por mim será a da Coleção os Pensadores); conto com o apoio dos Comentários de Ursula Wolf, se destacando pela hábil capacidade de esquematização do pensamento aristotélico; ademais um rico artigo da revista Hypnos de Helder Buenos Aires de Carvalho intitulado: A Phrónesis Aristotélica: Breve Comparação das Leituras de Alasdair MacIntyre e Paul Ricoeur, contribuirá em muito,

uma vez que a visão de MacIntyre é bem ortodoxa e clara, com efeito, usarei o professor Carvalho como atalho para acessar o Britânico.

O artigo terá como roteiro o seguinte trajeto: A exposição do trecho central do texto de Aristóteles, na sequência apresentarei o comentário de Ursula Wolf sobre sua perspectiva da *phronesis*, juntamente com sua distinção entre o tema central e a deliberação (*bouleusis*), uma vez que o saber prático pode ser confundido com o mesmo. Em sequência, a leitura do termo em Alasdair MacIntyre. E por fim, concluirei aproveitando a leitura de Britânico e de Carvalho, para relacionar *phronesis* com a formação educacional, numa proposta contemporânea.

## 1 Phronesis na Ética a Nicômaco

Aristóteles começa a definição de phronesis em VI 5, 1140a24, com efeito irei citar os trechos no interior do VI 5 escritos pelo Filósofo, para a geração de norte comum.

[A] No que tange à sabedoria prática [phronesis], podemos dar-nos conta do que seja (...) o poder deliberar bem sobre o que é bom e conveniente para ele, não sob um aspecto particular, (...) pois, ser uma capacidade verdadeira e raciocinada de agir com respeito aos bens humanos. (...)

[B] A sabedoria prática, pelo contrário, versa sobre coisas humanas, e coisas que podem ser objeto de deliberação

[C] Tampouco a sabedoria prática se ocupa apenas com universais. Deve também reconhecer os particulares, pois ela é prática, e a ação versa sobre os particulares

[D] A sabedoria prática diz respeito à ação.  
(ARISTÓTELES, 1140a-1141a25)

Para compreender mais facilmente o Filósofo grego os trechos acima foram divididos, assim na sequência irei destrincha-los. Como se lê em [A] a phronesis é um poder, ou seja, a capacidade para algo, tendo como origem o sujeito autor da ação, uma vez que aponta para uma conveniência particular, porém isto não implica em uma ação egoísta, pois esta aptidão verdadeira e racional respeita os bens humanos.

O caráter mais prático da phronesis, fica evidente em [B], pois por ela pousar seu foco sobre questões humanas, assim não se delibera acerca da ação da gravidade sobre uma maçã, sobre o que se deve sonhar ao dormir ou como último exemplo qual melhor operação escolher primeiro em uma expressão matemática.

Porém, o risco de colocar a phronesis, esta virtude, como algo que obrigatoriamente visa somente o universal é evidente, contudo o trecho [C] indica a consideração de uma observação mais apurada sobre o particular também, é como um general que não delibera ignorando a particularidade de cada um dos seus soldados, pois para Aristóteles a ação de qualquer maneira chegará ao particular, por isso, a phronesis deve considerar todo o percurso que a deliberação irá realizar até o culminar da ação.

Logo, insistentemente Aristóteles reforça a experiência na *phronesis*, pois é somente nela que esta virtude bebe, se aprimora e permanece (no sentido de uma consolidação como disposição de caráter “*hexis*”), como fica claro no trecho [D]. Depois desta singela leitura, o recolhimento de comentários mais apurados é necessário, iniciando pela Ursula Wolf, vamos observar sua leitura da *phronesis*

## 2 A leitura da *phronesis* aristotélica em Ursula Wolf

O livro da Wolf A *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, Loyola, 2010 é impar na apresentação do Filósofo grego, sendo o capítulo sexto de muita valia para o estudo sobre a *phronesis*. A partir da expressão transliterada do grego usada como base para sua exposição, a compreensão de Wolf dentro da concepção aristotélica do termo da virtude *phronesis* poderá ser compreendida mais facilmente:

### *Hexis meta logou praktike*

Para filósofa *hexis* é uma disposição, que está inserida na *arete* ética como uma mediana (isto é, um termo médio, não aritmético, senão uma posição escolhida que não está na extremidade) que se dá em relação à afecção (um impulso externo, *pathos*) e em relação também à ação (a *práxis*). Ainda sobre a *hexis*, sendo de origem racional (por isso, *logou*, *logos* no genitivo) refere-se a *physis* como uma atualização da *physis* humana, logo possui uma finalidade em si. Divergindo de um errônea leitura que pode tratar esta *arete* ética como puramente uma *tekhné*, uma vez que a técnica possui um finalidade externa. (WOLF, 2010, p.145 e 150)

Contudo a Wolf se surpreende ao observar que no final de VI 5, a posição de Aristóteles, ao dizer que a *phronesis* parte da região que opina da alma (pela indicação 1140b26), mostrando uma nuance “calculativa”, assim o saber prático também é a *arete* de toda a parte calculadora da alma, que opina sobre o que é variável. (WOLF, 2010, p.151)

Por fim, após o caminho percorrido sobre a leitura da autora, a tradução para *Hexis meta logou praktike* que é “disposição de agir ligada à deliberação”, se mostra

mais clara e na seção a seguir o termo deliberação será discriminado, uma vez que a confundir com *phronesis* é um erro inevitável para qualquer leitor desatento.

## 2.1 *Phronesis* e *Bouleusis*

Wolf apresenta a distinção destes dois termos na sua obra na página 152, definindo como já tido *Bouleusis* como deliberação, e acrescentando que se refere “ao âmbito do possível, onde se encontra a ação humana no que se refere ao que está em nosso poder” (Wolf, 2010, p. 152). E ressaltando ainda que esta ação realizável conduz, como a *phronesis* para um fim desejável, porém situada no aqui e agora, sem a adição de outros meios.

Já a *phronesis* ela é mais ampla neste sentido acima indicado, pois seu centro está na apreensão do fim (*telos*) desejável, não somente a condução, pois Wolf arrisca que nesta virtude há uma captura do bem geral e a formulação de uma *proairesis* concreta (propósito). E mais restrito na noção de que seu objeto abrange todo o campo da ação. (WOLF, 2010, p. 153)

Concluindo, assim na compreensão da Ursula Wolf (2010, p. 153): “a *phronesis* é responsável também pela formulação do fim concreto da ação ou pelo apreender ativo daquilo a que se aspira concretamente”, em contraponto que a “a *bouleusis* é um procedimento analítico (...), leva à conclusão o que é aconselhável numa situação concreta de um determinado modo” (WOLF, 2010, p. 153). Desta maneira, após a exposição dos dois termos, exemplificando o primeiro remete ao agir do experiente mestre-de-obras na ação da construção e na visão de um projeto global, enquanto que a *bouleusis* refere-se a uma breve reflexão no pedreiro em seu campo de atuação restrito, que não possui ainda a visão total da obra, porém consegue escolher acertadamente.

### 3 A leitura da *phrónesis* aristotélica em Alasdair MacIntyre

Em seu artigo Carvalho, ao apresentar a leitura de MacIntyre se mostra muito didático, assim, um primeiro elemento é necessário para entender a visão do Britânico: As virtudes para Aristóteles operam somente no âmbito da *polis*, logo não miram a obtenção de um bem particular, mas sim geral. E no interior da cidade o campo prático é sempre imprevisível, mesmo com uma quantidade de leis acertadas, algo a mais é necessário para que se possa deliberar para o bem de todos e conseqüentemente da cidade. (MACINTYRE, 1991, apud CARVALHO, 2011, p. 262)

Destarte, a *phronesis* para Carvalho (2011, p. 263) entra como: “a virtude que torna o agente capaz de exercer o julgamento em casos particulares, (...) segundo a reta razão”. Porém existe neste ponto um dilema, pois considerando o ambiente único no qual ela se aplica, a cidade, MacIntyre (1991, p. 155 apud CARVALHO 2011, p. 263) aponta que a polis: “pressupõe como certa uma margem ampla de acordo (...) dos bens e das virtudes”, ou seja, uma constituição de um seguro terreno para o exercício ético. Logo, arrisco que talvez na contemporaneidade estejamos mais preocupados com questões morais e éticas, pelo seu charme e capacidade de gerar notícia e assunto a realmente refletir primeiramente se somos verdadeiramente uma cidade, um povo.

## Conclusão

Enfim, mediante a tudo que foi apresentado, tanto a leitura de Wolf de *phronesis* quanto a de MacIntyre, existe um ponto em comum que é a averiguação mais apurada das situações a fim de se deliberar de maneira reta, pela razão e que sua potencialidade supera a aplicação simplória de regras.

Baseando-se nisso observo assim como a *phronesis* deveria ser claramente estimulada dentro dos processos formativos educacionais das escolas, universidades, e centros educativos/culturais, uma vez que segundo MacIntyre (1988, p. 130 apud CARVALHO 2011, p. 267): “O *phrónimos* é capaz de julgar que verdades são relevantes para ele na sua situação particular e, a partir desse julgamento e de sua percepção dos aspectos relevantes de si mesmo e de sua situação, agir corretamente”, logo, uma educação baseada em virtudes apresentasse muito mais efetiva, do que a moderna máxima premissa brasileira de: Educar para a formação de pessoas críticas, pois uma formação que estimula a *phronesis*, criará uma verdadeira cidade com cidadãos detentores de cidadania.

Um exemplo que trago está situado na Índia onde professoras, com alunos do ensino fundamental, informaram que naquela data ocorreria uma excursão, depois de acomodar todos os alunos e aguardarem por quase uma hora no interior dos ônibus sobre o forte Sol indiano, as educadoras informaram que os motoristas estavam em greve e conseqüentemente o passeio estava cancelado. Tudo não passou de uma dinâmica que simulava uma situação na qual elas desejavam estimular os alunos no trato com as frustrações e o desenvolvimento de virtudes.

Muito distinto da obrigatoriedade brasileira de que cursos técnicos e alguns superiores tenham a disciplina de Ética em suas grades, sendo que estimo na grande parte não passa de um estudo de manuais e uma análise sempre abstrata da prática.

Enfim, a *phronesis* está além de qualquer religião ou creança, ela não se preocupa com uma definição de fins, mas sim, se fixa num reto deliberar de meios, sendo muito mais do que uma cartilha de boas práticas e aberta aos erros como diz Carvalho sobre esta virtude (2011, p. 268): “um tipo de atividade não governada por regras, aberta a erros e acertos frente às contingências”, e ela deve habitar no interior de cada homem e mulher no interior da cidade, pois habitando do ser não sofrerá com

as intempéries do tempo, com o desgaste da temporalidade e tão pouco com terremotos externos, fazendo do *phrónimos* um verdadeiro cidadão, mestre do saber prático.

## Bibliografia

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco; Poética**; Tradução de José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (Coleção: Os Pensadores)

CARVALHO, H. B. A, A phrónesis: Breve comparação das leituras de Alasdair MacIntyre e Paul Ricoeur. **Hypnos: Primeiros sábios, primeiros filósofos II**. São Paulo, n. 27, p. 260-283, 2011. Disponível em: <<http://www.hypnos.org.br/revista/index.php/hypnos/article/view/212>>. Acesso em 01 nov. 2017.

LIMA VAZ, H. C. Escritos de Filosofia II: Ética e Cultura. São Paulo: Loyola, 1988

WOLF, U. **A Ética a Nicômaco**; Tradução de Enio Paulo Giachini. São Paulo: Loyola, 2010